

# FLUIR DAS EMOÇÕES: Os desenhos que criam mundos

Maria Lúcia Coelho

## RESUMO

Este ensaio pretende apresentar os caminhos percorridos para a composição desse estudo. Apresentarei, em linhas gerais questões relacionadas às medicinas da floresta, mais especificamente ao uso ritual da ayahuasca, bem como descrever por meio de desenhos as múltiplas trocas que envolvem o humano e a natureza. A introdução de entidades não-humanas como agente de desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, traz à tona a necessidade de se ter um olhar diferenciado, atento e engajado em relação a vida e suas continuidades, abarcando outras possibilidades de ser no mundo. Os resultados obtidos tiveram como pano de fundo a concepção de cultura como habilidade. Onde relações entre ritual, trajetórias pessoais e produções artísticas, as quais têm por inspirações experiências com a ayahuasca, podem contribuir com o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos, resultando em uma troca significativa entre o humano e não humano.

**Palavras-chave:** Auto etnografia; escrita criativa; ayahuasca; diário gráfico; desenhos.

## ABSTRACT

This essay aims to present the paths taken for the composition of this study. I will present, in general lines, issues related to forest medicines, more specifically to the ritual use of ayahuasca, as well as describe through drawings the multiple exchanges that involve the human and nature. The introduction of non-human entities as an agent of development of skills and knowledge, brings to light the need to have a differentiated look, attentive and engaged in relation to life and its continuities, encompassing other possibilities of being in the world. The results obtained had as background the conception of culture as a skill. Where relationships between ritual, personal trajectories and artistic productions, which are inspired by experiences with ayahuasca, can contribute to the development of skills and knowledge, resulting in a significant exchange between the human and non-human.

**Keywords:** Autoethnography; creative writing; ayahuasca; graphic diary; Drawings.



## 1. O DESENHO-XAMÃ

Busco destacar neste ensaio etnográfico minhas experiências com o uso da ayahuasca<sup>1</sup> e como ela vem auxiliando o desenvolvimento de habilidades cognitivas em meus processos criativos. Grande parte dessas inspirações têm origem nas mirações<sup>2</sup> visões provocadas pelo chá, que possibilitam um mergulho visual amplamente detalhado, que não são simplesmente manifestações do imaginário pessoal, são vivenciadas dentro de um campo energético, físico e simbólico. Onde o local, a música e o ritual, conduzem para a criação de imagens mentais, “cuja intensidade se sobrepõe e cria padrões” (MOLIN, 2016, p.62).

As experiências visuais e sensoriais são induzidas pelos efeitos de substâncias psicoativas encontradas em sua composição, uma delas trata-se do dimetiltripitamina (DMT)<sup>3</sup>, que vem despertando interesse de artistas e pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. O foco desse interesse remete aos “estados não ordinários de consciência (ENOC)<sup>4</sup>”, trata-se de um estado de transformação das sensibilidades perceptivas.

Segundo Molin (2016) grande parte das pessoas que tem alguma experiência com a ayahuasca, têm visões e acabam deixando essas imagens guardadas na memória, outras são inspiradas por elas e passam a materializá-las, na criação de pinturas, desenhos, máscaras, esculturas e artes digitais. Criações que remetem a tradições antigas e ao xamanismo (ibid., p.62).

A ayahuasca está presente nas religiões ayahuasqueiras que carregam em si práticas xamânicas, assim como no sistema xamânico de diversas etnias. Quando pensamos em um aspecto social da visão, estamos integrando expressões visuais e cosmológicas, sendo assim a noção de visão varia de acordo com o grupo estudado. Para os Waujá<sup>5</sup>, povo do alto Xingu, o aspecto social da visão está relacionado aos estados especiais de sonho, transe, doença e rituais, ligados a uma posição social privilegiada, aquele capaz de ver é capaz de curar. O poder de curar deriva da capacidade de “ver o feitiço”, ou de “ver o feiticeiro” que está causando a doença.

Quem adquire as habilidades especiais de ver o não humano entra na posição social de xamã, de curador. Portanto, para os Waujá, a visão de seres não humanos é uma chave de cura e é

---

<sup>1</sup> Palavra de origem quéchua, que significa liana dos espíritos ou vinho das almas. Refere-se à bebida sagrada composta por duas plantas nativas da floresta amazônica. Também conhecida como daime, vegetal, yagé, caapi, entre outras denominações. Sua origem, usos e farmacologia consultar; Luna (1986), MacRae (1992), Labate & Araújo (2002).

<sup>2</sup> Visões provocadas pela ayahuasca, o termo miração é usado pelos ayahuasqueiros de maneira geral dentro das religiões brasileiras como a União do Vegetal, o Santo Daime e a Barquinha.

<sup>3</sup> DIMETILTRIPTAMINA; a “molécula espiritual”. Para maiores informações consultar; Ott (2002) e Strassman (2001).

<sup>4</sup> ENOC são estados de consciência diferentes do estado normal de vigília. O termo foi cunhado por, David Lewis-Williams (2004) para descrever mudanças quase sempre temporárias no estado de consciência dos indivíduos.

<sup>5</sup> São falantes da língua maipure da família arawak, constituem, ao lado dos Mehinako, Yawalapiti, Pareci e Enawenw Nawe, o grupo dos maipure centrais (Franchetto, 2001, p. 116).

uma habilidade conquistada (SLOMPO, 2013, p. 4)<sup>6</sup>, que parece se aproximar da definição de visão na cosmologia ayahuasqueira. A ayahuasca é o “instrumento que auxilia na visão desse mundo espiritual presente na natureza e conseqüentemente na forma de lidar com ele, dialogar, curar os males causados por desequilíbrios” sendo a mediadora entre mundos (MOLIN, 2016, p. 62). Andrade (2002, p. 92) explica que essa experiência é:

Uma forma de comunicação com o mundo espiritual, forma essa que liga a dimensão da matéria com a realidade invisível. É aqui que aquele “elo perdido” pode ser religado, na medida em que se alça voo em direção de si mesmo, pois o “eu” do hoasqueiro parece se externar, mais que num testemunho de “boas novas”, numa alegria do reencontro consigo mesmo. (ANDRADE, 2002, p. 92)

Entre os Huni kuin do Peru, segundo Barbara Keifenheim (2004 *apud* GOLDSTEIN; LABATE, 2017, p. 439), as experiências vivenciadas em ENOC, permitem que o indivíduo tenha visões do universo em constante transformação. Labate fazendo referência aos dados etnográficos de Barbara Keifenheim (2004), enfatizou que em uma:

Primeira fase, muitas pessoas veem desenhos geométricos, ao passo que, numa segunda fase, aparecem desenhos figurativos. Serpentes que envolvem os corpos ou entram por eles são abundantes. As imagens são acompanhadas por alterações acústicas e ganham força ao serem complementadas por sons. (GOLDSTEIN; LABATE, 2017, p. 439).

A percepção plástico/musical do uso da ayahuasca entre os Huni Kuin é manifestada por meio do canto, que são fundamentais para a composição das visões, assim como em alguns grupos ayahuasqueiros, os hinos têm a função de ensinar e guiar. Os desenhos que surgem com essas experiências, muitas vezes são conduzidos pela percepção sonora transmitida por esses cantos, músicas e hinos. Conforme comenta Villalta (2016, p. 9) “as substâncias psicoativas como a ayahuasca, aliadas aos cantos, às danças, aos sonhos e a outras técnicas extáticas, atuam como modificadores do corpo e da mente, amplificando a experiência sensível, abrindo caminho para viagens no tempo e no espaço”, tais experiências permitem a “percepção de seres que habitam o mundo *invisível, espiritual e verdadeiro*”.

Para os Huni Kuin, o cipó (jagube, mariri, cabi) é “considerado a substância do corpo da jiboia”, sendo a ayahuasca a transformação da jiboia, eles veem o líquido como o “sangue ou a urina da jiboia”, após a ingestão “desse ser, você se transforma em um deles, você se torna Outro temporariamente, e esse Outro, se ele quiser se revelar, vai pintar o mundo para você com seus desenhos e suas cores” (LAGROU, 2015: s.p. *apud* GOLDSTEIN; LABATE, 2017, p. 439).

Ao despertar nesse universo de cores e desenhos, o “xamã” torna-se o mediador entre mundos, assim a sensibilidade estética, os sons e os sentidos são despertados. Segundo Feinstein e

<sup>6</sup> No caso dos Waujá, esta habilidade é alcançada por meio do uso do tabaco.

krippner (1997 *apud* BRAGA 2010, p. 128), o “xamã interior” é capaz de comunicar-se, “como mediador interno, o mundo da consciência de vigília com aqueles ‘outros mundos’, detém o poder de alterar os acontecimentos cotidianos”. Para os povos siberianos, xamã é o termo utilizado para designar pessoas, que em outras culturas são chamados de “bruxos, feiticeiros, curandeiros, magos, mágicos e videntes” (MOLIN, 2016, p. 62).

“[...] é significativa a amplitude dos conhecimentos dos xamãs. Eles eram frequentemente grandes contadores de histórias, dotados de talento artístico e de memória extraordinária’ (MACRAE, 1992:31). São também ‘grandes conhecedores da floresta e das propriedades das plantas, que usam com frequência especialmente para atividades de cura (MACRAE, 1992:28)’” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 134).

Podemos pensar a arte e o próprio desenho, como “modos de fazer mundos” (GOODMAN, 2007, *apud* MOLIN, 2016, p. 116), são uma manifestação estética desses mundos e nisso, “o mundo e seus habitantes, humanos e não humanos, são nossos professores, mentores e interlocutores” (INGOLD, 2015, p. 340). Nesse sentido Shanon (2000, p. 18) descreve que: “Aparentemente, a *ayahuasca* pode levar a mente humana a alturas de criatividade que excedem em muito as normalmente encontradas”. Em meio a essas questões, me deparei com o termo “*Arte Visionária*”, obras que retratam visões de experiências místicas e espirituais, criadas em ENOC. Podendo ainda ser associado a visões emanadas de sonhos, induzidas por meditações, tranSES ou por outras substâncias psicoativas. Esse movimento artístico procura transcender o mundo físico, as divisões entre matéria e energia, tempo e espaço (MIKOSZ, 2009).

Diante da diversidade de materiais etnográficos produzidos sobre a *ayahuasca* e sua contribuição para a criação de obras artísticas, digo que utilizarei como dados minhas próprias experiências, além de outras formas de grafias, mobilizando assim capacidades distintas de interação, por isso experimentei passar pelo processo criativo sob o efeito da *ayahuasca*, além de ser uma pesquisadora, também sou artista, utilizei diário de campo tradicional, mas também experimentei outros processos criativos com a construção de um diário gráfico.

### 1.1. Autoetnografia: Malu e os desenhos que criam mundos

A autoetnografia<sup>7</sup> é uma das ferramentas metodológicas que permitem trazer ao leitor (a) essa dimensão do ser afetada pelo campo (Favret-Saad 2005). Desde o início dos meus estudos optei por fazer uma pesquisa participativa, pois acredito que a experiência de beber o chá é uma das maneiras possíveis de se lançar no estudo das religiões *ayahuasqueiras*. Pelo fato dos ensinamentos e

---

<sup>7</sup> Segundo Ellis e Bochner (2000 *apud* GAMA, 2017, p. 3) é um “gênero autobiográfico de escrita e pesquisa” que expõe diversos “níveis de consciência, conectando o pessoal ao cultural”, apresentando “um self vulnerável”, onde a pesquisadora parte de sua própria experiência para analisar questões ligadas a sociedade e/ou cultura a qual está inserida, podendo “refletir nas consequências do (seu) trabalho, não só para os outros, mas para (si) mesmo também, e onde todas as partes, emocional, espiritual, intelectual, corporal e moral, podem ter vez e serem integradas” (ELLIS et al., 2013, p.53)

a própria doutrina das religiões se encontrarem no uso ritual da ayahuasca. Desta forma, posso dizer que sou o que antropologicamente se convencionou classificar como “pesquisador nativo”. Em alguns momentos o texto caminha para uma escrita criativa, com elementos que em parte são semelhantes ao da Antropóloga Marília Floôr, ao discutir a sua pesquisa no artigo “Os \Baobás do Fim do Mundo- Antropologia, Educação, Poesia”:

Seguindo algumas premissas de Tim Ingold, o artigo que se segue problematiza noções como ‘etnografia’ e ‘trabalho de campo’, propondo uma antropologia amparada em uma perspectiva implicada no mundo, na qual a escrita não esteja separada da observação participante. Desta forma, abre-se espaço para uma experiência antropológica mais pautada pela contemplação e o encantamento, princípios que aproximam as atitudes epistemológicas da poesia e da educação (MARÍLIA FLOÔR KOSBY, 2016).

O objetivo a seguir é justamente não fazer essa separação entre escrita e observação participante, quebrando esta dualidade e ao mesmo tempo proporcionar ao leitor (a) a possibilidade de imaginar-se dentro desta experiência, ou ainda, torná-la mais próxima possível desta antropologia implicada no mundo. Dito isto, convido você a fazer uma leitura atenta e lúcida.

Antes de continuar essa aventura, por favor, vá lá fora e sinta a natureza a sua volta, e por um instante perceba a si mesmo em harmonia com todas as partículas do seu ser. Agora, sugiro que faça uma respiração profunda, experimente deixar as cores se espalharem e abra as asas da imaginação. Então coloque uma música clássica e sinta esse momento de pura expressão<sup>8</sup>.

Figura 1 “Mergulho Interior”, caneta nanquim e aquarela



Fonte: Diário Gráfico, 2018

Começo esse experimento contando minha trajetória, uma menina/mulher que sonha com cores, que viaja na imaginação. Sonhadora de desenhos, de olhar aguçado que rompe o silêncio do ser e se expressa em sua criação. Buscadora de “vozes visuais” de um universo sensível, de desenhos que criam mundos, neles me camufla, me reinvento e esboço rastros.

<sup>8</sup> Sugestão: Beethoven – 9th Symphony, pois está música me traz grandes inspirações.

A ayahuasca é o leme do barco que me conduz ao universo mágico das mirações, cheio de cores vibrantes e infinitas possibilidades, onde me vejo navegando e florescendo em sonhos e devaneios, que me fazem refletir sobre o que fui e quem sou, são cenas estranhas de lugares onde já estive. Por muitas vezes me vejo no livro “Alice no país das maravilhas” (autor e ano de publicação), em um mundo encantado, que se abre dentro de mim, que em um suspiro, transformam-se em mosaicos multicoloridos, desencadeando aventuras com seres metafóricos e enigmáticos. São sonhos que confrontam com a realidade, que fazem brotar pensamentos e vozes sussurrantes das entranhas do meu ser. Será minha vida um mero sonho? Um mundo perdido que sempre reencontro em meio às mirações? Agora convido você! A navegar comigo nesse oceano por meio do qual a ayahuasca vem me conduzindo.

Mundos em espiral  
 Vivo dois mundos em paralelo  
 Adormeço em um  
 Desperto em outro  
 Mundos diferentes  
 Ao mesmo tempo Iguais  
 Ligados um ao outro  
 Onde a chave são os sonhos  
 Mundo da fantasia  
 De aventuras cotidianas  
 Onde vivem  
 Os que acreditam  
 No amor  
 No cheiro das flores  
 No canto dos pássaros  
 Na luz do luar  
 No brilho das águas  
 Vivem seres encantados  
 Fadas, bruxas, duendes.  
 Batalhas com dragões  
 Seres de luz  
 Que me fazem  
 Compreender o universo  
 São viagens por vários mundos  
 Por várias eras  
 Sou um ser que brinca na fantasia  
 Que mergulha no amor, e respira alegria.  
 Os sonhos são minha chave.  
 E o amor é a luz que me guia...  
 (Malu coelho, 2010)

## 1.2. (Mir)ando cri(ação)<sup>9</sup>

No ano de 2010 mergulhei pela primeira vez nesse universo místico e religioso chamado ayahuasca, a ingestão da bebida é capaz de proporcionar diversas sensações físicas e psicológicas, que expandem e modificam a percepção do ambiente/mundo, gerando experiências complexas e únicas, um dos efeitos que considero inspirador são as visões<sup>10</sup>. A miração compõe vibração que modela e cria imagens, que se entrelaçam em uma multiplicidade de universos, ampliando os sentidos e movimentando o ser e o seu habitar no mundo.

Miração, deriva do verbo mirar, que remete a ideia de olhar, contemplar, “mira”, foco, pontaria, mudança de foco. Essa palavra tem origem no substantivo mirante, é a junção de CONTEMPLAR e AÇÃO. A miração não é simplesmente ver algo, muito além de visualizar é uma abertura metafísica, percebida pelos demais sentidos, é um estado de êxtase. Ao refletir sobre o verbo contemplar, encontrei em Bachelard (1988) informações fundamentais para conectar minhas vivências com a ayahuasca aos “devaneios cósmicos”, Bachelard aponta que “em seu devaneio solitário, o sonhador de devaneios<sup>11</sup> cósmicos é o verdadeiro sujeito do verbo contemplar, a primeira testemunha do poder da contemplação. O Mundo é então o complemento direto do verbo contemplar”. (BACHELARD, 1988, p. 167).

Nas mirações, assim como nos “devaneios cósmicos”, o buscador ou sonhador está solitário, em um mergulho íntimo, onde “enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do universo” ao mesmo tempo em que pode sentir “um ser que se abre nele”. (BACHELARD, 1988, p. 165). Certa vez, sonhei que estava em lugar misterioso com muitas árvores submersas por um lago de água esverdeada, parecia ser um pântano. Era uma noite de luar e com muitas estrelas no céu, não me sentia assustada, tudo era muito bonito e familiar que me transmitia intensa paz. Eu estava sentada em uma pequena ponte na beira do lago, contemplando a natureza.

O sonhador está tranquilo diante de uma Água tranquila. O devaneio só pode aprofundar-se quando se sonha diante de um mundo tranquilo. *A Tranquilidade é o próprio ser do Mundo e do seu Sonhador.* O filósofo em seu devaneio de devaneios

<sup>9</sup> Estou dando destaque a AÇÃO, pelo fato de estar considerando aqui o conceito de culturas de Ingold (2015) como habilidades, um eterno devir de criação no contínuo movimento engajado com os outros seres não-humanos habitando o ambiente/mundo, no sentido de que as mirações estão profundamente vivas e em conexão com o eu interior.

<sup>10</sup> Ao fazer uso da ayahuasca experimentamos sensações em nosso campo visual, que possuem um duplo sentido de ver e focar, ao darmos total atenção as imagens que surgem estamos de certa forma educando a nossa atenção. São experiências que “afetam” o pesquisador como um processo de aprendizagem na prática.

<sup>11</sup> O devaneio, estado hipnagógico, assemelham-se em muitos aspectos às mirações, eles podem se desenvolver em uma corrente de consciência que passa como pano de fundo, independentemente da direção consciente do indivíduo, podendo ser comparados a um filme com uma mistura de conteúdos pessoais e impressões de experiências vindas do meio ambiente. (MIKOSZ, 2009, p. 226).

conhece uma ontologia da tranquilidade. A Tranquilidade é o vínculo que une o Sonhador ao seu Mundo (*ibid.*, p. 167).

No sonho havia uma floresta e uma pequena vila, não consegui ver outras pessoas além de um ancião oriental que usava um chapéu bem grande (cônico oriental) e uma vestimenta azul-celeste. Ele veio em minha direção, se aproximou e disse “estou aqui para lhe orientar e ensinar”, em suas mãos haviam várias cabaças com tintas de diversas tonalidades, algumas fluorescentes, feitas por ele a partir da alquimia de sementes, galhos, flores, frutos, argila e outros materiais. Ele me entregou as tintas e me chamou para “criar mundos” e despertar a imaginação. Não havia nenhum papel ou algo do tipo, então ele chamava os animais da floresta, que vinham e se deixavam colorir.

Figura 2 “Mãe terra”, caneta nanquim e tinta aquarela.



Fonte: Diário Gráfico, Belém-PA, dezembro de 2019.

As tartarugas se aproximavam e eu pintava em seus cascos mandalas e espirais, ao finalizar a pintura, as tartarugas saíam nadando e desciam as correntezas do lago levando com elas o fluir da minha imaginação. Nos ensinamentos dos índios norte-americanos a tartaruga representa a medicina da Mãe Terra, a longevidade, a proteção e a estabilidade. Remete a conexão com o Planeta, pois ela habita em dois ambientes tanto na terra quanto na água.

Sonhei outras vezes com esse senhor e depois que tomei ayahuasca ele voltou a aparecer em minhas mirações, era quem guiava as minhas criações, com o tempo ele se despediu, dizendo “você está pronta para trilhar seus próprios caminhos”. Depois de alguns anos vim saber que a descrição do ancião era semelhante a um dos Mestres Ascencionados da Grande Fraternidade Branca, conhecido como Mestre Confúcio. Em uma pesquisa no site Alquimia da Alma, tive acesso a seguinte informação<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Informações encontradas em <https://alquimiadaalma.com.br/chama-dourada-o-2-raio-dourado/>, acesso em: 23 de outubro de 2019.

A entrada exterior está oculta aos olhos humanos, porém, se o aluno tiver a licença de entrar, o poderoso portal abre-se para ele. Porém, se vier aqui à noite, em sua consciência superior, sempre será bem-vindo. Aos poucos precisa adaptar-se à elevada vibração. As imensas galerias abrigam muitos objetos de arte, e joias de todas as épocas aqui são guardadas. Mais tarde, serão tornadas acessíveis às pessoas, quando seu interesse não perseguir mais motivos egoístas. “Reconheçam, amados amigos”, assim fala o Mestre CONFÚCIO.

Nesse sentido, acredito que foi com esse sonho que minha trajetória iniciática em direção ao invisível começou, pelo menos no plano astral. O início desse estudo foi marcado por uma busca existencial, que me conduziram a um mergulho interior nos labirintos do (in)consciente. Em um desses mergulhos deparei com situações que mostravam a importância das mirações, me acordaram para a criação de desenhos e pinturas de natureza visionárias como uma maneira de escrever e descrever<sup>13</sup> a cosmologia ayahuasqueira. Comecei então a traçar o que chamo de Diário de Mirações, para esboçar e dar visualidade a essas aventuras.

Em 21 de julho de 2011, depois de uma experiência eletrizante, percebi que a ayahuasca, além de mostrar o que existe de melhor dentro de cada ser, é uma fonte de inspiração para expressões artísticas. Após beber o chá, decidi fazer um desenho das imagens que surgiam em uma sequência estonteante. Minha imaginação voava longe, embarquei nas profundezas da miração e fui enxergando claramente cada detalhe, estava completamente conectada ao universo interior que se abria. Surgiam mandalas e imagens relacionadas à natureza, animais, cachoeiras e montanhas. Desenhei timidamente não necessariamente como as havia visto, mas de acordo com minhas limitações.

Figura 3 “A floresta desperta”, lápis 6b.



Fonte: Diário gráfico, Marabá – PA, 21 julho de 2011.

<sup>13</sup> Descrição no sentido proposto por Ingold (2015, p. 319), de uma Antropologia Gráfica, onde o pesquisador tem como objetivo não apenas observar e representar o observado, e sim “participar com ele do mesmo movimento generativo”.

Os desenhos apresentados foram os primeiros que nasceram dessa ação de desenhar miração, eles começaram a surgir minutos depois de ter tomado o chá. Enquanto traçava as primeiras linhas, senti que alguém estava se aproximando e guiava cada movimento da minha mão, nesse instante um arrepio percorreu meu corpo inteiro, ao mesmo tempo senti a leveza do lápis ao deslizar pelo papel. Comecei a ver o desenho se construir antes mesmo de ter desenhado, imagens foram surgindo por todos os lados, sentia meu corpo leve e uma pressão muito forte em minha cabeça. As lembranças vinham de todas as direções e preenchiam cada espaço com desenhos em cores vibrantes que se entrelaçavam e formavam mandalas que se movimentavam e criavam novas imagens, cada vez mais detalhadas.

Partido de uma perspectiva mais ampla, que se encontra além das margens da religiosidade do uso ritual da ayahuasca, dando visualidade a essa experiência corpórea e emotiva, busco nesse ensaio desdobrar de que maneira o uso específico desse chá vem me despertando para a criação de desenhos, e como eles são vistos, percebidos e sentidos. Sempre gostei de desenhar, mas confesso que meus primeiros desenhos não me pareciam tão bons, porém os percebia como uma saída para rastrear as múltiplas trilhas do devir.

Ingold (2015, p. 316, 319) se refere ao desenho como maneiras de conectar atos de observação e descrição, por meio da relação do observador com aquilo que se desenha. O autor faz esta discussão mais especificamente no tópico “Rumo a uma Antropologia Gráfica”, que visa “se unir a pessoas e outras coisas nos movimentos de sua formação. Esta união é uma prática de observação”. Ingold (2015) menciona observação, não como uma contemplação distanciada “de um mundo de objetos” e sim “ao acoplamento íntimo do movimento da atenção do observador” com tudo que está acontecendo à sua volta. O que ficou bem claro, pois na medida em que fui fazendo uma maior imersão no uso ritual da Ayahuasca, compartilhando e interagindo com pessoas, com a natureza e com a própria ayahuasca, minha habilidade de desenhar foi se abrindo.

Procuro fazer essa reflexão sobre o meu processo criativo, para reforçar a ideia de que as habilidades que julgo haver adquirido floresceram com o uso da ayahuasca. Ao desenhar mirações, me vejo completamente inspirada pelos efeitos visuais do chá, sinto uma onda de sentimentos invadindo meu corpo, me conduzindo para dentro da própria ayahuasca. No entanto esse processo criativo não acontece de maneira tão simples, pois as imagens se alteram a cada momento e acabam tecendo outros contornos quando desenhadas no papel, “que marca a fluidez das imagens visionárias que nunca se deixam capturar” (VILLALTA, 2016, p. 7). Divagando na criação percebi que os desenhos que vinham à tona apresentavam uma estética particular das culturas ayahuasqueiras. A plástica de um mundo que pode ser acessado sob a percepção específica desse chá.



Figura 4 – “Interações”, lápis 6b.



Fonte: Diário Gráfico, 2011.

Os desenhos que apresento acima possuem aspectos simbólicos e alegóricos das religiões ayahuasqueiras, neles registrei graficamente elementos reais e conteúdo das mirações, são frutos de cenas que ocorreram durante o preparo do chá. Quando desenho uma miração estou abrindo um leque de possibilidades, em uma busca cosmológica para dar visualidade a essas mirações e aos seres não humanos que nelas habitam, para de algum modo, torná-las visíveis do ponto de vista plástico.

Ao traçar linhas e contornos estou tornando visível esse universo das mirações e seus múltiplos elementos, estou dando vida a esses seres e a todas essas partículas com as quais entro em contato, os desenhos são extensões desses seres; mediadores. (INGOLD, 2012), pois na relação entre o artista e o próprio desenho, a agência em uma perspectiva sistêmica, está distribuída em tudo, ou seja, está no sistema, na rede, e não em uma coisa específica, ela decerto envolve o desenho, mas também envolve o artista, o lápis, o papel, a ayahuasca, os seres invisíveis etc. São linhas que atravessam e conectam todos os elementos, e sua ação é semelhante à dos xamãs que fazem essas mediações de maneira não dualista, tanto no universo do xamanismo indígena, quanto no xamanismo urbano.

Nesse sentido esboço aqui uma reflexão para pensar como esses desenhos podem de alguma maneira fazer a ligação entre o visível e o invisível, já que as mirações, por mais detalhadas que sejam descritas, dificilmente terão seus significados completamente desvendados, mesmo quando são expressas por meio de pinturas ou desenhos, pois conduzem a diferentes leituras de uma mesma imagem. Isso implica dizer que aquilo que não foi dito ou desenhado conta muito mais do que aquilo que se vê, por possuírem diversas formas, cores e traços, essas obras acabam conduzindo

para além daquilo que se mostra, acabam empurrando o observador a olhar em direção ao desconhecido, ao “invisível”, “o desenho não é materializado, mas ativamente visualizado. O desenho possui um papel crucial na experiência porque opera a passagem de uma percepção visual para uma percepção visionária” (LAGROU, 2012. p. 102).

Arrisco dizer que durante o ato criativo com uso da ayahuasca, me conecto com os seres que habitam essas plantas, converso com meu eu interior e manifesto essas sensações por meio de desenhos, ao mesmo tempo em que são uma parte de mim e de meus sentimentos, são frutos das mirações. Derrida afirma que “Ora um espectro é algo que se vê sem ver e que não se vê ao ver, a figura espectral é uma forma que hesita de maneira inteiramente indecível entre o visível e o invisível” (DERRIDA, 2012, p. 68), ou seja, está além do que os nossos olhos podem ver, esse acontecimento está além do tempo espaço, portanto o visualizado no “invisível” se reflete para além do universo.

Nesse sentido Caruana (2013) expõe que os artistas visionários estão de algum modo mostrando o que está além das fronteiras da percepção. Assim, buscam ver o invisível, o universo cósmico, que transcendem os modos “ordinários de percepção”, ver além do que se vê. Merleau-Ponty (1994) destaca que a centralidade do corpo engajado na experiência perceptiva de ver não envolve apenas uma relação com o visível, mas também com o invisível. Nesse sentido ver é um comportamento profundamente ligado ao modo como habitamos e interagimos com o ambiente/mundo, esse “ver além” não é exatamente ou não envolve apenas o sentido da visão, mas ao contrário, é um enxergar com todos os sentidos físicos, um perceber de corpo inteiro.

### 1.3. Experimentando cores

Durante quase dez anos tomando ayahuasca, tive muitas mirações que considero incríveis, e muitas vezes vem acompanhadas de uma voz interior que me guia a mundos desconhecidos e encantados, nelas vejo seres celestiais, mitológicos e metafóricos, imagens relacionadas ao budismo, ao esoterismo e ao surrealismo. Depois de um tempo fui aprendendo com a ayahuasca a traçar linhas e contornos, os desenhos eram produzidos durante ou após os rituais, ainda sob os efeitos do chá, que não me atrapalhavam, na verdade abriam as portas da percepção. As imagens abaixo mostram meus primeiros desenhos coloridos<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Algumas imagens que surgem nas mirações muitas vezes estão expelindo algo pela boca, isso tanto pode ser uma limpeza como pode ser, tirar algo de dentro, como por exemplo: a criatividade, o amor próprio, equilíbrio; ou ainda coisas que estavam presas no subconsciente da pessoa.



Figura 5 – “visões do astral”, lápis de cor aquarela.



Fonte: Diário gráfico, Marabá, 2011.

Ao percorrer esse labirinto<sup>15</sup> chamado ayahuasca, percebi a complexidade das imagens que surgiam e remetiam a uma viagem ao surrealismo. Dentro dessas mirações surgem imagens que evocam ao maravilhoso, têm o poder de “maravilhar a mente e metamorfosear o corpo” (VILLALTA, 2010, p. 59). Uma vez vi meu corpo em metamorfose, parecia que minha mão estava crescendo e dela brotaram flores e cristais, que se transformaram em pássaros gigantes, que me transportaram para um planeta distante e muito frio.

Intrigada por essa miração, observei que ao beber o chá entro em contato com elementos notados no mundo enigmático dos livros de Charles Lutwidge Dodgson (pseud. Lewis Carroll) (1865), que nos convida a mergulhar nas fascinantes aventuras de “Alice no país das maravilhas”. Essa abordagem surrealista encontrada nos labirintos do “país das maravilhas” dialoga com o universo das mirações, pois nelas também não existem restrições das leis naturais e nem limites para a imaginação. Segundo MIKOSZ (2009, p. 121) o surrealismo surge como uma crítica cultural à racionalidade burguesa em “favor do ‘maravilhoso’, do fantástico e dos sonhos, reúne artistas de feições muito variadas sob o mesmo rótulo”, são fontes da imaginação elementar. A ideia de evocar o maravilhoso, bem como a relação das mirações com o surrealismo, foi de certa maneira experimentada por mim na feitura do desenho a seguir.

<sup>15</sup> Segundo Eliade (1998, p. 68) os labirintos possuem um significado determinante em alguns rituais xamânicos, são representações de passagens ou portais para outras dimensões, são responsáveis por fazer a interação entre todas as zonas cósmicas.

Figura 6 – “labirintos do (in)consciente”, tinta aquarela.



Fonte: Diário gráfico, agosto de 2018.

O desenho mostra a interação entre o humano e o não humano, entre o plano espiritual e a matéria, observa-se nele a figura de uma mulher e um beija-flor, que na cosmologia ayahuasqueira representa um ser dotado de divindade e força espiritual. O desenho também é composto por flores e galhos que brotam do corpo da mulher e seguem em direção a um universo paralelo, um portal azul com outros animais e mandalas, da cauda do beija-flor surge uma cachoeira. Esses elementos criam uma floresta cósmica com seres híbridos e metafóricos muito comuns nas mirações.

## 2. CONSIDERAÇÕES (SEM) FINAIS.

Neste ensaio busquei problematizar, entre outras questões, as estratégias metodológicas necessárias para a utilização dos desenhos que se mostraram importantes durante o trabalho de campo. Sendo assim, essa não é uma pesquisa sobre os desenhos na Ayahuasca, e sim com os desenhos na Ayahuasca, um diálogo com um tipo de conhecimento contra hegemônico e não ocidental, por isso foi necessário a busca de outras ferramentas teóricas e metodológicas para compreender o desenho não como ilustração, mas como um elemento central para construção dessa pesquisa.

Busquei apresentar o desenho como um mediador de mundos que não estão separados e sim em conexão, desse modo se faz necessário a percepção dos personagens e símbolos apresentados no texto como seres viventes e agentes, pois de certa maneira são capazes de estabelecer relações de trocas entre as experiências com a ayahuasca e o que se desenha. A partir da feitura dos desenhos apresentados pude observar que cada ayahuasqueiro é um xamã de si mesmo e, portanto, responsável por sua própria auto-cura, por meio das diplomacias cósmicas estabelecidas com o uso do chá.

Além disso, o que se desenha, que é reflexo da interação humano natureza em um estado de consciência plena do mundo e de sua expressão pura e bela, quando apresentado no meio urbano carrega em si toda a energia envolvida nessa troca e acaba de certa maneira diluindo as fronteiras entre cultura/arte/urbano e natureza.

Depois de mais de 10 anos vivenciando essas experiências passei a compreender que as imagens produzidas pela substância, são uma espécie de espelho que reflete o que está acontecendo dentro e ao nosso redor, são os movimentos da natureza e de todos os seres que nela habitam, são parte do que estamos sentido e de todas as coisas que já vivenciamos, carregada de símbolos e formas que estruturam a nossa percepção da vida. No entanto, destaco que essa pesquisa está longe de responder a todos os meus questionamentos e inquietações. Na verdade, essa busca por respostas, me fizeram perceber que existem outras possibilidades de descrever e entender esse universo manifesto da cultura ayuahasqueira.

Fazer uso de desenhos como metodologia de pesquisa são, num primeiro momento, ações concretas envolvendo materiais e suas transformações. Conforme o processo de aprendizagem com a ayahuasca vai se expandindo: observar o ambiente, participar das sessões, ouvir as orientações dos dirigentes do grupo e realizar as atividades sob efeito da ayahuasca, passamos a reconhecer a potência criadora que podemos encontrar no chá, percebemos o processo de criar e deixar fluir a imaginação de maneira mais profunda, como uma habilidade que se adquire “na relação com outros organismos e seres que habitam o mesmo mundo, e não uma prerrogativa humana que se processaria no espaço restrito da mente como uma operação racional” (STEIL e CARVALHO, 2014, p. 164). Assim, a cada nova experiência vão surgindo um emaranhado de conceitos que nos conduzem diretamente para dentro de nós mesmos, e nos fazem entender a complexidade de ver e sentir tudo que está ao nosso redor, essa nova maneira de perceber mediada pela ayahuasca possui profunda relação com as ideias de percepção (con)sagrada do ambiente de Bateson, que significa “estar atento às continuidades, às conexões, aos fluxos, que percorrem, unificam e atravessam todo o ambiente” (CHIESA, 2016, p. 246). Mergulhar nos processos de aprendizagem que envolvem o uso ritual da ayahuasca é nadar em um mar de emoções, é sentir de corpo e alma com todos os sentidos físicos e emocionais, ou seja, “a pessoa não reparte os sentidos, ela aprende de corpo inteiro” (CHIESA, 2020, p. 216).

Assumo que este trabalho está em um território de confluências e de liminaridade, entre a Antropologia e a Arte, assumo que muitas vezes no decorrer do texto me emaranhei entre a Maria Lúcia (Pesquisadora) e a Malu Coelho (Artista) o que se tornou um desafio, cheio de riscos e de possibilidades de poder descrever e me envolver com o grupo estudado. Emaranhado que mescla experiências pessoais, produções artísticas e a contestação da objetividade científica. Nesse sentido, alguns autores discutem sobre o que o pesquisador deve fazer quando é “afetado” pelo “sobrenatural”,



no meu caso pelas experiências com a ayahuasca. Quando somos “afetados” pelo campo e não conseguimos diferenciar onde entra a pesquisadora, a ayahuasqueira e a artista, quando descrevo minhas próprias experiências, quando vejo o que cientificamente “não existe” ou não pode ser visto, sobre isso, só posso dizer que para compreender o universo ayahuasqueiro, optei por me tornar ayahuasqueira, me envolver, me tornar parte do grupo participando com eles do mesmo movimento, e assim vir a ser ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa.

Este fato tornou a pesquisa desafiadora no sentido de questionar o método etnográfico, e a possibilidade de objetivação da experiência vivida em campo, pode até parecer ousadia, mas não vejo assim, vejo como uma busca desafiadora por uma solução narrativa, uma maneira de escrever e descrever a cosmologia ayahuasqueira. Quando estudamos o outro estamos ao mesmo tempo nos descobrindo, em um processo de contínua transformação, numa dança cósmica pelos modos de ser, perceber e estar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Betânia. Epistemologia e saberes da ayahuasca, Belém: EDUEPA, 2011. 252 p.
- ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. Contribuições e limites da União do Vegetal para a Nova Consciência Religiosa. In: LABATE, Beatriz Caiuby & ARAÚJO, Wladimir Sena (2004). O uso ritual da ayahuasca. 2ª Edição. Mercado de Letras. São Paulo. 2002.
- AZEVEDO, Aina Guimarães. Um convite à antropologia desenhada. METAgrafias: metalinguagem e outras figuras. Brasília, v. 1, n. 1 (1), p. 194-208, mar. 2016a. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/15821>. Acesso em: 22 de abril de 2019.
- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988 p. 165-209.
- BRAGA, Karina Rachel Guerra. Modelando Xamãs: o caso da tenda do suor. 2010. 182 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do CCHLA - UFRN, Natal/RN2010.
- CARUANA, L. O primeiro manifesto da Arte Visionária. Tradução: José Eliezer Mikosz. Curitiba: GLJLP, 2013. Disponível em: <<http://visionaryrevue.com/webtext/longman1.html>>. Acessado em: 25 maio de 2018.
- CARROLL, Lewis. Alice no país das maravilhas. Tradução: Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 1997.
- CHIESA, Gustavo Ruiz. À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente. Revista de Antropologia. São Paulo, v.60, n. 2, p. 410-435/

- USP, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/137315>>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.
- CHIESA, Gustavo. Ruiz. Além do que se vê: magnetismos, ectoplasmas e paracirurgias. Porto Alegre, 2016. 273 p.
- DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível. Florianópolis: UFSC, 2012.
- ELIADE, Mircea. Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2002.
- ELLIS, Carolyn; SH, Jones; TE, Adams. Handbook of autoethnography. editors. Walnut Creek: Left Coast Press; 2013. 736p. (coleção Queer).
- GAMA, Fabiene. Tornar-se cronicamente doente: Perspectivas de uma im-paciente sobre cuidados médicos. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Anais Eletrônicos. Florianópolis, ISSN 2179-510 X, 2017. 1-12p.
- GROISMAN, Alberto. Eu Venho da Floresta: Um Estudo do Contexto Simbólico do Uso do Santo Daime. Florianópolis: EdUFSC, 1999.
- INGOLD, Tim. Estar Vivo: Ensaio Sobre Movimento Conhecimento e Descrição. [S. l.]: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. Tim. Trazendo às Coisas de Volta à Vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- LABATE, Beatriz Caiuby; Rose, Isabel Santana de e Santos, Rafael Guimarães dos. Religiões Ayahuasqueiras: Um Balanço Bibliográfico. Campinas, Mercado das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. Beatriz Caiuby. A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Campinas-SP: Mercado de Letras: Fapesp; São Paulo-SP: Fapesp, 2004.
- LAGROU, Elsje Maria. A Fluidez da Forma. Arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.
- LANGDON, E. "Xamãs e xamanismos: reflexões autobiográficas e intertextuais sobre a antropologia". In: *Ilha*, Florianópolis, v.11, n. 1/2, p. 161-192, jan.-dez. 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MIKOSZ, José Eliézer. A Arte Visionária e a Ayahuasca – Representações das Espirais e Vórtices nos Estados não Ordinários de Consciência (ENOC). 2009. 322 f. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de pós-graduação em Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- MOLIN, Grabielle Dal. Floresta Manifesta: Arte e Imagens da Ayahuasca em Contextos Urbanos Brasileiros. 2016. 197 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN, 2016.

SHANON, Benny. Ayahuasca And Creativity. Maps, v.10, n. 3., 2000. Disponível: <https://maps.org/images/pdf/10318sha.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

STEIL, Carlos; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias Ecológicas: delimitando um conceito. Mana, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 163-183, abr. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132014000100006>. Acesso em: 25 maio 2019.

VILLACORTA, Gisela Macambira. Rosa azul: uma xamã na metrópole da Amazônia, Tese. 2011. 231f. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2011.

VILLALTA, Daniella Crespim. Relações entre a experiência visionária da ayahuasca e a arte eletrônica imersiva. *In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO NORTE E NORDESTE – REA ABANNE*, n.º 1, v. 1, p. 1-17, 2016, Alagoas. Anais. Disponível em: [http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/ISSN 2526-544X](http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/ISSN%202526-544X). Acesso em: 18 de outubro de 2019.

**SITES:**

[<https://alquimiadaalma.com.br/chama-dourada-o-2-raio-dourado/>](https://alquimiadaalma.com.br/chama-dourada-o-2-raio-dourado/)

